

CONTRIBUIÇÃO DA MÚSICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS DE 5 A 7 ANOS

Poliana Cruz Devidé Bertrand, Mirian Celeste Ferreira Dias Martins

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta pesquisar o uso da música aliada ao processo de alfabetização para crianças de 5 a 7 anos. Estudaremos as características da arte musical, entendendo que ela favorece o desenvolvimento e aprendizagem. É bastante raro encontrar no Mundo alguma pessoa que não aprecie algum som, seja ele produzido pela natureza como o canto dos pássaros, o som do vento, o som das ondas do mar, seja produzido pelo ser humano como a música. Dessa constatação percebemos o valor que o som organizado por nós, seres humanos, pode alcançar quando por meio dele desejamos exprimir algo a outra pessoa, até mesmo a transmissão de saberes através da música. É evidente que a comunicação verbal é por excelência a primeira na escala comunicativa humana, e quando essa tem a música como sua aliada, ganha força na transmissão da mensagem. A música, o som ordenado é uma linguagem por meio da qual uma idéia é mais bem difundida ao longo dos tempos. Todo papel um dia se acaba. A música atravessa o tempo e eterniza sua mensagem, letra, poesia. Vale a pena a utilização dessa ferramenta em sala de aula como elemento auxiliar em benefício dos alunos e do próprio professor.

Palavras-chave: Alfabetização. Música. Linguagem. Som.

ABSTRACT

The present work aims to research the use of music combined with the literacy process for children from 5 to 7 years old. We will study the characteristics of musical art, understanding that it favors development and learning. It is quite rare to find someone in the world who does not appreciate any sound, whether it is produced by nature like the song of birds, the sound of the wind, the sound of the waves of the sea, whether it is produced by human beings like music. From this observation, we realize the value that the sound organized by us, human beings, can achieve when through it we wish to express something to another person, even the transmission of knowledge through music. It is evident that verbal communication is par excellence the first on the human communicative scale, and when it has music as its ally, it gains strength in the transmission of the message. Music, ordered sound, is a language through which an idea is best spread over time. All paper one day runs out. Music crosses time and eternalizes its message, lyrics, poetry. It is worth using this tool in the classroom as an auxiliary element for the benefit of students and the teacher himself.

Keywords: Literacy. Song. Language. Sound.

1 INTRODUÇÃO

A música, está presente em minha vida desde muito nova. Aos 6 anos fui apresentada a ela, e desde então, me acompanha por todas as fases da vida. Somos como amigas, nos afastamos em alguns momentos, mas quando nos encontramos, não há estranhamento entre nós, somos familiares uma a outra. Estudei formalmente órgão e teclado por alguns anos, e sempre cantei. Tenho a linguagem musical como uma linguagem de expressividade que faz parte de quem sou. Por meio dela falo, sinto, escuto, aprendo. Ela desperta em mim sentimentos, afetos, lembranças dos dias animados da infância com toda a família reunida, os encontros e as cantorias no Natal, as lágrimas que derrubei ao compor e traduzir minhas frustrações e tristezas na adolescência, os acordes tocados pelo meu marido em seu violão na sala da nossa casa para que eu pudesse acompanhá-lo cantando, as canções cantadas para embalar e adormecer meus filhos. Como diz o cantor e compositor Stênio Marcius em uma de suas canções sobre a música, “tornou os dias leves, e redobrou as alegrias”. E nessa caminhada pelas estações da vida, a música também esteve presente em minha fase de aprendizagem escolar. Na escola, para facilitar a questão da compreensão de alguns conteúdos, eu escrevia músicas com as informações obtidas em aula, e assim, mais facilmente e de forma inventiva, me apropriava daqueles saberes.

Por essa caminhada pessoal tão de perto com essa linguagem, me interessei em associar a música no trabalho com alfabetização de crianças com idade entre 5 a 7 anos, pois acredito na preciosa contribuição da arte para o ser humano, nas mais diversas possibilidades e situações.

Já é comprovado, por meio de estudos, que crianças que tinham aulas de música se saiam muito melhor em testes de memória, alfabetização e matemática, em comparação com aquelas crianças que não tinham familiaridade com a música.

A música é uma importante fonte de estímulos, equilíbrio, bem-estar, aprendizagem e felicidade para a criança. Snyder (1994, p.14), destaca: “propiciar uma alegria que seja vivida no presente é a dimensão essencial da pedagogia, e é preciso que os esforços dos alunos sejam estimulados, compensados e recompensados por uma alegria que possa ser vivida no momento presente”. O recurso musical, proporciona essa alegria, e ligado ao processo de alfabetização, faz com que, uma aula com esse tipo de estímulo proporcione a construção da alfabetização de forma mais atrativa, por “ligar” o som, aos seus códigos linguísticos sociais estabelecidos, por proporcionar a possibilidade do movimentar-se através do ritmo, pelos afetos, emoções, pela ativação do cérebro despertada por meio dessa arte.

O intuito desse trabalho é pesquisar a respeito da contribuição efetiva da música, como vetor de experiência e transformação, na aquisição de uma escuta ativa e na conscientização dos sons, elemento importante para a aprendizagem escolar, especificamente, a alfabetização e para a formação de cidadãos conscientes a respeito do som.

Trabalhar com música, durante o processo fundamental da alfabetização, trará benefícios cognitivos, afetivos e sociais ao educando. Ela viabiliza a construção de um indivíduo mais humano, por meio da sensibilidade e da escuta. É importante que por meio da música, o professor, direcione sua ação pedagógica alfabetizadora a uma formação crítica e sensibilizada e, que a música ajude a levar os alunos a aprender a sentir, expressar, ouvir, e pensar a realidade ao seu redor, desenvolver capacidades, habilidades e competências. Promovendo atividades que envolvam música, no caso, atividades relacionadas a alfabetização, estas favorecem a aprendizagem e assimilação do conteúdo, pela criança.

Para a elaboração desse trabalho, a produção textual foi feita por meio de leituras, revisão bibliográfica e entrevistas com especialistas na área da música e educação. A primeira entrevistada foi a prof^a Dr^a Jéssica Makino, professora na USP de Ribeirão Preto, no curso de Pedagogia, com significativa experiência na área de educação musical, com formação em conservatório no curso de piano, experiência em sala de aula, na produção de materiais da área, e na formação de educadores e a segunda foi prof^a Dr^a Cinthia Campelo Schneider, pedagoga, musicista, especialista em Linguagem da Arte, doutora em Arte e História da Cultura, educadora musical. As informações obtidas por meio das leituras e das entrevistas foram de significativa relevância e estão presentes em todo o trabalho, fazendo com que fosse possível relacionar a música com a alfabetização, afim de certificar o benefício acerca da aprendizagem dos alunos.

2. A ARTE E O DESENVOLVIMENTO HUMANO

“Uma obra de arte deve levar um homem a reagir, sentir sua força, começar a criar também, mesmo que só na imaginação. Ele tem de ser agarrado pelo pescoço e sacudido; é preciso torná-lo consciente do mundo em que vive, e, para isso, primeiro ele precisa ser arrancado deste mundo”.

Pablo Picasso

A Arte é uma atividade humana em sua essência. Por meio dela, o homem constrói significações na sua relação com o mundo. O fazer arte é uma atividade intencional, criativa.

A arte tem a capacidade de libertar o olhar preso ao que já conhece, e elevá-lo, desenvolvê-lo, apurá-lo para ver além. A Arte inspira, ela é agregadora na formação de indivíduos, já que essa não se limita a estética, mas a preocupações e visões mais amplas de mundo e sociedade. Ela por si mesma, não precisa de justificativa. Sua subjetividade desperta em nós maior sensibilidade e aguçamento dos sentidos.

Fischer (1959) apresenta um argumento que a fundamenta como uma necessidade existencial do humano. Ele problematiza por que milhões de pessoas leem livros, ouvem música, veem teatro e vão ao cinema. Sobre essa questão, argumenta que:

[...] “dizer que procuram distração, descontração e entretenimento é supor que isso é verdadeiro [...] e se alguém nos responde que pretendemos fugir de uma existência medíocre para nos refugiarmos numa outra mais rica, numa aventura sem riscos, surge-nos uma nova pergunta: por que não nos chega a nossa própria existência? Evidentemente o homem quer ser mais do que apenas ele próprio. Quer se realizar como homem total”. (FISCHER, 1959, p. 10)

Nesse sentido, a arte vem a ser uma forma indispensável para a união do indivíduo com o todo, pois ela reflete a infinita capacidade para a associação, para compartilhar experiências e ideias. A arte através da linguagem, interpretação, e representação do mundo, é uma forma privilegiada dos processos de expressão humana e instrumento essencial para o desenvolvimento humano.

Como linguagem das formas e cores, dos sons, dos gestos, ela sempre esteve presente na vida humana e assim contribui significativamente com o seu desenvolvimento, pois ajuda os sujeitos na construção de visão de “mundo” e na tradução deste, pela perspectiva do artista e de homens, mulheres, crianças, transmitindo valores, costumes, modus vivendi e operandi da sociedade no momento em que a produção artística é produzida, conectando indivíduos e seus

diferentes olhares sobre o mesmo assunto. A Arte traduz o Mundo, e este é o ingrediente principal na elaboração de produções artísticas, a vida, o mundo, as inteirações sociais, a realidade, a utopia.

Howard Gardner (1999), estudioso das Inteligências Múltiplas, descreve a inteligência humana como um conjunto de competências ou “inteligências” que compõem a mente. Ele defende a ideia de que a arte está intimamente ligada ao desenvolvimento humano, baseando-se no princípio de que toda criança se desenvolve a partir de três sistemas internos de ver, sentir e fazer. Como distemas internos podemos ampliar o “ver” com todos os demais sentidos como o ouvir. O desenvolvimento estético assim como a linguagem e a lógica são natos, mas se desenvolvem a partir da interação e estimulação oferecidas pelo meio. Sentir e pensar, mente e corpo não se separam como nos apontam Bueno (2002) e Castanho (1982):

Ao produzir artisticamente, o ser humano articula e estrutura o sentir e o pensar. Nesse processo acontece a organização e a ordenação do pensamento, a significação (representação), a construção de imagem, a expressão da história pessoal e social do sujeito, pois arte é o resultado da articulação entre o fazer, o conhecer, o exprimir e o criar. (Bueno, 2002).

Arte, portanto, é o conhecimento, pois o fazer artístico pressupõe o desenvolvimento dos processos mentais de raciocínio, memória, imaginação, abstração, comparação, dedução, generalização, indução e esquematização; visto que compreende uma série de ações e operações conectadas ao sujeito, que compreende, relaciona, ordena, classifica, transforma e cria (CASTANHO, 1982, p.18)

Assim, na produção artística o sujeito participa ativamente, percebe a realidade, sua capacidade de transformar e inovar. Cada criação é única, seja uma música, uma escultura, uma pintura, ou poesia, cada produção artística revela o universo de cada ser, seu olhar, sua visão de mundo. Diante de uma obra, podemos nos observar, ao mesmo tempo em que observamos a imagem, ou apreciamos a música, ouvimos a poesia, o que nos for. A obra artística, entregue à nossa contemplação/apreciação, é ao mesmo tempo reflexo e espelho. Ao nos emocionarmos com uma obra, passamos a ouvir em nós o eco da mesma verdade que levou ao artista criá-la. Para que possamos compreender o sentido de uma obra, é necessário permitir que ela nos transforme como transformou o artista, como nos ensina Albano (2001).

As diversas formas de expressões artísticas, artes visuais, dança, música, teatro e outras linguagens, permitem ao homem entender o contexto ao seu redor e relacionar-se com ele, podendo conduzir a novos processos mentais ao provocar diferentes formas de pensar e de ver o cotidiano.

A arte vem carregada de sentimento, é forma de expressão que vem do interior do artista. Possui a capacidade de transformar o mundo que o rodeia, dada a sua capacidade de não só captar a realidade, mas expressá-la por meio de linguagens criadoras e criativas. A arte possibilita o encontro do ser consigo mesmo, de si com os outros, e com a totalidade da realidade humana. Ela proporciona uma experiência, não mais da maneira espontaneísta da escola que só valorizava o fazer, mas na consciência de si, na percepção dos próprios processos de criar, de se colocar vivo na experiência, pensar e produzir significados, de compartilhá-la com outros na conversa, na troca onde nos desprendemos de nossas amarras conceituais.

A arte exige mais do que um olhar ou ouvir descompromissado e desatento. É na contemplação, na apreciação ou no fazer que a experiência estática é vivida, pois a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca e não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. “Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça” nos ensina Larossa (2002, p.21). Para ele, a experiência é cada vez mais rara. Pela nossa falta de tempo, pelo excesso de informação, e informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação. A experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião. Basta olharmos a sociedade atual. Sujeitos cheios de informação, e cheios de opinião, e com tudo isso, não há espaço para o diálogo, para a convergência ao outro, para a experiência. O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina e a opinião se tornou uma espada afiada, um imperativo e pela falta de tempo. Estamos apressados, estressados, sem tempo e sem paciência para a contemplação, para o ócio, para observar.

Na experiência com a arte, esse encontro alimenta olhares mais sensíveis, percepções e pensamentos. Desperta emoções, e inquietações, e o fazer artístico canaliza e expressa externamente tudo isso, e justamente no fazer, se desenvolvem tantas habilidades cognitivas e afetivas de desenvolvimento.

Entre as linguagens artísticas a música é o foco deste estudo. Esse som organizado, com ritmo e melodia, produzido de forma intencional que existe e projeta seu desenvolvimento em função do outro.

Através de seus graves e agudos, fortes e suaves sons, suas pausas, nos trazem algo com significado, despertando emoções, afetos, aperfeiçoando o ouvir, tornando os sujeitos ouvintes atentos, pois a música nos convida a nela mergulhar pela sonoridade dos instrumentos, ou pela voz e seu canto. Como ouvintes atentos, consideramos também a paisagem sonora que nos

rodeia como uma imensa composição musical, na qual somos seu público, seus executores e compositores, nos trazendo a consciência dos sons que queremos preservar, incentivar, multiplicar e extinguir, no caso, sons desagradáveis, destrutivos, que são resultado de uma sociedade ocupada, ansiosa e nervosa, como a nossa, afim de resgatar uma cultura como diz Schafer em *O Ouvido Pensante* (1888), significativa. A música, e o silêncio, despertam essa escuta ativa nos sujeitos.

Segundo Fonterrada (2008), a música era uma ponte entre a ideia e o fenômeno. Na doutrina de ethos, a música era vista de, pelo menos, duas maneiras principais: “uma que concebe como regida por leis matemáticas universais e outra que acredita que seu poder emana da relação estreita entre ela e os sentimentos” (FONTERRADA, 2008, p. 28).

A música incentiva habilidades cognitivas desenvolvidas pelo estímulo a múltiplas habilidades, exigidas pela música durante o processo de aprendizagem e por toda a vida, afinal ela faz parte da vida. Ela é considerada ciência e arte, podendo ser utilizada para diversos fins, sejam para experiências, tratamentos, para fins didáticos de ensino e transmissão de informações, festas, ou até para relaxar, fazer dormir; um adulto, uma criança. Este aspecto utilitário da música não retira a importância de oferecer música de qualidade, isto é, que provoca a sensibilidade.

Brécia (2003, p. 25), ainda destaca que: a música é uma “[...] combinação harmoniosa e expressiva de sons e, como a arte de se exprimir por meio de sons, seguindo regras variáveis conforme a época, a civilização etc.”. Neste sentido é interessante observar que, ao mesmo tempo que cada época valoriza determinados estilos musicais, a música ultrapassa os limites temporais.

Gardner (1995) valoriza a Inteligência Musical em sua teoria das inteligências múltiplas, enfatiza e destaca que a música deve ser inserida no currículo escolar, pois ao indicar que a música como um elemento estabelecedor da harmonia pessoal, facilita a integração, a inclusão social e até o equilíbrio psicossomático, - se faz necessária às ações direcionadas à construção do ser.

Dessa forma percebe-se que, a música não pode ser tratada apenas como elemento recreativo. Há muito que se explorar de suas propriedades. Um estudo realizado na Universidade McMaster, no Canadá, citado por Helena Baldo, no Artigo Online: *Música para Educar* de 2014, apontou que, crianças que tinham aulas de música se saiam muito melhor em testes de memória, alfabetização e matemática, em comparação com aquelas crianças que não tinham intimidade com canções.

As propriedades da música, como os ritmos, complementaram os estímulos necessários ao desenvolvimento das diferenças cognitivas do cérebro; as diferentes notas, os sons e timbres, formaram um elemento rico em informações perceptivas estimulando a atenção e a memória. É importante destacar que a música age reflexivamente nas diversas áreas do desenvolvimento psico-social, cognitiva, motora e afetiva, levando o aluno a uma postura mais expansiva e afetiva.

O trabalho com música oferece vivência e experiências de aprendizagem, desenvolve a sensibilidade ao agir diretamente na questão da auto-estima, pois a música trabalha as emoções e no trabalhar com as emoções, o ser humano passa a se conhecer melhor e se assim se aceitar, se compreender, e do desenvolvimento global do ser. Além de transmitir herança cultural, a música, também é criativa e auto-expressiva, permitindo a expressão de pensamentos e sentimentos, sejam os quais forem.

No aspecto do desenvolvimento cognitivo/ linguístico da criança, é desenvolvida sua acuidade auditiva ao acompanhar gestos ou danças, trabalha a coordenação motora e a atenção e, ao cantar ou imitar sons, descobre capacidades e estabelece relações com o ambiente em que vive. Já no aspecto psicomotor, atividades que envolvam música propiciam inúmeras oportunidades de aprimoramento de habilidade motora, controle e conhecimento de seus músculos e movimentos mais específicos que desenvolva sua desenvoltura. Nesse sentido, o ritmo se apresenta como parte fundamental na formação e equilíbrio do sistema nervoso, pois, já que toda expressão musical age sobre a mente, favorecendo uma descarga emocional, a reação motora alivia as tensões e, seja qualquer movimento adaptado a um ritmo, se faz parte de um conjunto completo (e complexo) de atividades coordenadas. Como os “Cantos do trabalho”, que são “canções presentes no processo de atividades produtivas manuais, seja em trabalhos no campo, urbano, individuais ou coletivas” (PIRES, 2012). Tinham o papel de aliviar a carga emocional e física, o cansaço extremo, consequência das jornadas exaustivas e longas de trabalho. Uma oportunidade de externarem seus lamentos, cansaço e suas críticas, através da música.

Enfim, a arte visa o desenvolvimento dos sujeitos em seus diversos âmbitos, na qual deve suscitar a criatividade para assim, promover a autonomia e a vivência do indivíduo na sociedade com o intuito de se torná-lo um cidadão crítico e participativo, adaptável, que busca soluções criativas para as situações vividas. A inventividade é uma forma de sobreviver nesse mundo atual, especialmente em tempos de pandemia onde a arte, em todas as suas linguagens também estão presentes.

3. A PERSPECTIVA DA ORALIDADE: LEITURA DE MUNDO PRECEDE A LEITURA DA PALAVRA

“Não basta saber ler que 'Eva viu a uva'. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho”.
(Paulo Freire)

As rápidas mudanças ocorridas na sociedade, com a tecnologia, nos fazem refletir a cerca de mudanças necessárias a despeito da forma como se ensina e se aprende, afim de que a escola não seja uma mera transmissora de conhecimentos, mas um ambiente que estimula, que incentiva a curiosidade, a descoberta, a experiência. Uma escola que use de artifícios motivadores, criativos, que valorize o lúdico, a troca de experiências, a afetividade para que o processo de aprendizagem ocorra.

Com todo o avanço da tecnologia e todas as mudanças do tempo atual devido à pandemia, há um afastamento perceptível da oralidade, nos submetendo mais à escrita e a leitura do que a fala. Haja vista o número crescente de usuários de mídias sociais onde o diálogo e o relacionamento frequentemente se dão com base na troca de mensagens de texto.

Antigamente, valores e princípios, histórias e informações, eram transmitidas de pais a filhos, de geração a geração quase que exclusivamente de forma oral. Um exemplo, era o povo de Israel, na Bíblia, onde as histórias dos antepassados, eram contadas pelos pais aos filhos, dos filhos aos seus filhos, e assim a tradição, os valores, a cultura, se mantinham vivas e presentes no povo, por meio da oralidade.

A oralidade é um meio por onde nos expressamos e dialogamos, estabelecendo uma troca com o outro. Wallon (apud GALVÃO, 2000) argumenta que as trocas relacionais da criança com os outros são fundamentais para o desenvolvimento da pessoa. As crianças nascem imersas em um mundo cultural e simbólico, no qual ficarão envolvidas em um sincretismo subjetivo por pelo menos nos três primeiros anos de vida. Durante esse período, sua compreensão das coisas dependerá dos outros, que darão às suas ações e movimentos formato e expressão.

Nessas trocas relacionais, dentro do seu mundo simbólico, e absorvendo o que ouve, o bebê passa a balbuciar por meio da imitação, em resposta ao que ouve e assimila. A imitação favorece a aquisição da linguagem.

A aquisição da linguagem, por exemplo, não é senão um longo ajustamento imitativo de movimentos e séries de movimentos ao modelo que, há

já muitos dias, permite à criança compreender qualquer coisa dos propósitos dos que a rodeiam. Este modelo pode mesmo atrasar-se em relação às impressões auditivas do momento (WALLON, 1981, p. 175).

Assim, se dá o início do processo verbal, ligado à oralidade. Com uma vivência de sociedade atual, baseada na leitura e escrita este processo se encaminha para a alfabetização, processo pelo qual, se aprende a ler e escrever, fase na qual a criança aprende a se expressar verbalmente com coerência e clareza. Há muitas maneiras de conceber a alfabetização e sob uma perspectiva construtivista e interacionista, está o conceito de que a criança, constrói seus conhecimentos interagindo com o Mundo que a cerca. Nesta perspectiva Paulo Freire (1989, p.7) nos ensina:

a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade (FREIRE, 1989, p.7). Linguagem e realidade, texto e o contexto. Estão ligados diretamente e contribuem com uma real aprendizagem. Como disse Freire (1989) o mundo de nossas primeiras leituras, é a casa, o quintal, a varanda, as brincadeiras, os afetos, o engatinhar, andar, balbuciar as primeiras palavras. Palavras se tornam concretas nas coisas, objetos, cuja compreensão se dá no tratar com eles, e nas relações familiares, do convívio diário, no observar e contemplar a paisagem, na chuva, no vento, nos pássaros, nas folhas, nos tons do céu. As estações, os aromas, as conversas, os costumes, os valores. Aqui existe a oralidade, a comunicação, o diálogo, as trocas relacionais. A criança está construindo sua leitura de mundo, mas ainda não a leitura das palavras e escrita como conhecemos e tanto enfatizamos na escola.

A medida em que o indivíduo se torna íntimo de seu próprio mundo, melhor o percebe e as palavras escritas vão ganhando a atenção da criança e assim a decifração da palavra passa a fluir de forma orgânica a partir da “leitura” que a criança faz de seu mundo particular, de seu universo simbólico. Ser alfabetizado com palavras da sua realidade, e não do mundo maior do educador, torna a aprendizagem viva, significativa, curiosa, instigante, pois a leitura da palavra, da frase, não significa uma ruptura com a "leitura" do mundo, ao contrário, propõe de fato uma conexão entre ambos. A criança já fala suas próprias palavras, palavras essas que fazem parte de seu mundo. Ler e escrever essas palavras, será algo significativo.

A regência verbal, a sintaxe de concordância, o problema da crase, o sinclitismo pronominal, nada disso era reduzido por mim a tabletes de conhecimentos que devessem ser engolidos pelos estudantes. Tudo isso, pelo contrário, era proposto

à curiosidade dos alunos de maneira dinâmica e viva, como objetos a serem desvelados e não como algo parado. (FREIRE, 1989, p.11).

Não é simplesmente enfatizar a memorização do conteúdo, mas incentivar a compreensão do que se está aprendendo, pois, memorizar nem sempre significa que algo foi compreendido. É necessário conceber a aprendizagem como algo dinâmico, e vivo, para que haja assimilação e compreensão.

A aprendizagem por meio da mecânica técnica do “la, le, li, lo, lu” ou “ba,be,bi,bo, bu”, é de certa forma, reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras, como se o educador alfabetizador abastecesse com as palavras dele, as cabeças “desabitadas” dos alfabetizados. O foco da alfabetização está no sujeito. Esse pode necessitar do auxílio do educador, mas esse auxílio na aprendizagem, não deve anular a criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem, não se pode desconsiderar a vivência, as experiências e o mundo do sujeito. Educador e alfabetizando, ambos percebem o mundo, os objetos, aquilo que os rodeia, e são capazes de expressar verbalmente o que veem e percebem.

Um belo exemplo nos dá Paulo Freire (1989, p.13):

O analfabeto é capaz de sentir a caneta, de perceber a caneta e de dizer caneta. O alfabetizado, porém, é capaz de não apenas sentir a caneta, de perceber a caneta, de dizer caneta, mas também de escrever caneta e, conseqüentemente, de ler caneta. ” São palavras que são retiradas do contexto do estudante.

Entendendo a alfabetização como um ato criador, Paulo Freire (1989, p.13) afirma: “alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. É fundamental a compreensão deste elo onde a palavra dita flui do mundo através da leitura que dele fazemos.

No universo da alfabetização tanto de adultos, quanto infantil, que é o foco deste trabalho, é importante organizar o programa da alfabetização de modo que, deveriam vir do universo vocabular do grupo em questão, palavras, frases, textos, histórias, contos, parlendas, música. Alfabetizar com palavras ditas por eles, do contexto deles, afim de que expressando a sua real linguagem, as experiências de aprendizagem, sejam carregadas de significado com base na vivência dos sujeitos, e não da experiência do educador. Palavras, textos, canções de roda, todas essas inseridas no contexto, como representações da realidade, instigam a codificação e a descoberta, no caso, por parte das crianças em idade de alfabetização.

Os educandos, no caso, as crianças em idade de alfabetização, não são sujeitos acomodados e passivos. Elas têm vivência, suas próprias experiências, curiosidade, conhecimento dentro de seus contextos. Considerar e adentrar o mundo simbólico da criança, é

dignifica-la no processo de aprendizagem, e enriquecer esse processo, tornando-o leve, curioso, motivador, afetuoso.

Portanto, o processo de aprendizagem no caso da alfabetização, se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum dos educandos e não de palavras e temas apenas ligados à experiência do educador. A aprendizagem começa pelo processo de leitura do mundo, para que possa fluir para a leitura e escrita.

4. LINGUAGEM MUSICAL E LINGUAGEM FALADA

“A música e a linguagem, são duas formas de comunicação que implicam a existência de uma competência especificamente humana para comunicar, mediante formas sonoras”.

(BATRES, 2010, p.49)

A oralidade, ou seja, o uso falado de uma língua, como experiência vital para a alfabetização, tem na linguagem musical um campo importante de exploração. A música muito pode contribuir com o processo de alfabetização das crianças nessa fase. A aprendizagem da linguagem musical, nos prepara para aprendizagem da alfabetização.

Inserida em uma cultura que canta, a criança será estimulada a cantar, elaborar melodias, rimas, brincadeiras com as palavras. A música está presente, e enquanto ela canta, brinca e ouve, ela aprende e compreende.

De acordo com Cynthia Campelo Schneider, em sua entrevista, a entonação da língua, o ritmo da fala, os sons das letras na formação das palavras, tudo isso faz parte da linguagem falada, portanto da alfabetização, que é a esquematização e compreensão dessa língua por meio da leitura e escrita e da música. A matéria prima de ambas, é o som, portanto, reafirma a importância da escuta.

A música trabalha a acuidade auditiva, e em fase de alfabetização, é fundamental ouvir. As sinapses proporcionadas pela linguagem musical, influenciam a aprendizagem da alfabetização.

A música como linguagem não deve ser concebida unicamente como um conjunto de estruturas abstratas, estáticas, invariável, potencial ou como a realização de um código fixo. Talvez seja conveniente, concebê-la como um objeto complexo, dinâmico, aberto, como produto das capacidades linguísticas e cognitivas que permite a compreensão, aplicação e produção dessa linguagem pelos indivíduos, a partir de uma perspectiva comunicativa e alcançável na prática social, que envolve emissores, receptores, situação enunciativa e mensagem, fatores também presentes na linguagem falada.

Articulando a linguagem musical com a linguagem falada, existe um mecanismo linguístico, ainda que sejam dois sistemas diferentes. “A música e a linguagem, são duas formas

de comunicação que implicam a existência de uma competência especificamente humana para comunicar, mediante formas sonoras”. (BATRES, 2010, p.49).

Para estabelecer uma melhor relação entre a linguagem musical e a linguagem falada destaco algumas características de ambas.

Tanto a fala quanto a linguagem musical mostram a presença de unidades discretas, ou seja, no caso da língua falada, equivalem ao número de fonemas básicos que compõem as diferentes línguas, e musicalmente, referem-se ao número de sons acústico-musicais, audíveis e moderados. Ou seja, fonemas na linguagem falada, sons audíveis na linguagem musical.

Características como dinâmica (forte, mezzo-forte, piano, etc.), timbres e elementos agógicos, isto é, que modificam passageiramente o andamento, seja por aceleração, retardamento ou simples interrupção estão presentes na linguagem musical. Na linguagem falada também há dinâmica, ela é múltipla e variável. Cada região tem um ritmo de fala, entonação específica, característica inerente ao seu povo. No Brasil isso é muito perceptível.

Na linguagem musical, há obviamente um mecanismo linguístico, uma lista de estruturas, uma organização. Na linguagem falada também existe um mecanismo, regras, normas. Devemos articulá-la com concordância e coerência. Na linguagem musical há o processo de composição, e esse requer a geração de um esquema unificado, com uma intenção comunicativa, aliado a organização do significado em unidades de informação apropriadas e a concatenação, ou seja, o encadeamento dessas unidades através da integração de forma coerente. Palavras, letra, poesia, intencionalidade, notas, cifras, ritmo, harmonia, tudo integrado, dentro de uma cadência musical.

A partitura como estrutura de materialização da linguagem musical, ou seja, a escrita da linguagem musical, atua como mediador entre o compositor, o intérprete e o ouvinte. Na música, como na linguagem, há passagem da oralidade à escrita por meio de códigos. No caso notas, símbolos musicais, e as letras e outros códigos da linguagem falada. A escrita alfabética, representa os sons emitidos pela língua falada, assim como a partitura representa o material sonoro musical, ou seja, notas e ritmos, melodia e harmonia. A escrita alfabética, está presente em todo o nosso contexto, já a notação musical, ou seja, a escrita musical, Hermine Sinclair afirma:

Contrariamente à escrita alfabética, nosso sistema de notação musical está pouco presente em nosso meio ambiente e somente é ensinado a um pequeno número de indivíduos. Sua importância cultural é mínima para a maioria das crianças, adolescentes e adultos. (SINCLAIR, 1990, p.97)

O modelo de comunicação falada torna-se complexo quando aplicado à linguagem musical. O triângulo emissor / mensagem / receptor é duplicado quando o intérprete está presente. A mensagem do compositor, passa pelo intérprete, que então se torna o emissor da mensagem para o público. A linguagem musical é considerada eficaz desde que emissor e receptor concordem no estabelecimento de relações entre eles, para que seja possível interpretar a obra. Na linguagem falada, a comunicação é eficiente se o receptor compreende a mensagem emitida pelo receptor.

Na linguagem musical, os sons musicais são personagens vazios, signos sem sentido, que adquirem sentido quando imersos na experiência de quem ouve e ao ouvir as notas, atribui significado, sentido. Por isso é certo afirmar que a música não tem apenas caráter informativo, ela proporciona experiência, tem caráter afetivo.

O processamento da linguagem falada e da linguagem musical é um processo consciente, não simplesmente automático. São etapas, aprendizados, que exigem o desenvolver de habilidades cognitivas como atenção, memória. Ambas as linguagem são dinâmicas, vivas e possuem as suas complexidades. No entanto, o uso da linguagem falada é comum para todos os seres humanos normais, e começa em uma idade precoce de forma imitativa, por meio da escuta. Na aquisição da linguagem musical, seu aprendizado requer elementos instrumentais e didáticos que têm sido limitados em seu acesso e disseminação às grandes maiorias. Sinclair (1990, p.15) afirma: “O meio escolar dá importância capital à linguagem e ao cálculo escritos; porém com raras exceções, a notação musical não é ensinada no âmbito escolar”. Mas ainda assim, quase que de forma orgânica, assim como na linguagem falada, mesmo com ausência de conhecimento específico musical, quase todo ser humano é capaz de cantar, reproduzir melodias simples, dançar e bater palmas no ritmo, porque a linguagem musical vai além da imitação de seus códigos escritos e decifração destes. A música é movimento, vida, sentimento, ritmo, afeto, e está enraizada em todo o ser vivente. Nas batidas do coração que ouvimos desde o ventre, no andar, no correr, na fala, na respiração. Nas canções de ninar, nas brincadeiras de roda, nas tradições familiares e religiosas, na natureza. Nas mídias, nos fones de ouvido, na cultura e expressividade de um povo. Mesmo que não haja uma aprendizagem formal a respeito dela, ela está presente.

No contexto educacional, de acordo com Profa. Dr^a Jéssica Makino em sua entrevista, em sala de aula, na produção de materiais na área e na formação de educadores, a linguagem musical, no caso, a música, deve ser concebida como disciplina transversal. Ela atravessa todas as disciplinas. A música trabalha com muitas facetas do ser humano, seja o aspecto afetivo,

sensorial, pois associamos o som a outros sentidos, enfim, a música ativa todas as outras áreas cerebrais, facilitando a aprendizagem. A linguagem musical é essencial por esse atravessamento, na aprendizagem da alfabetização, enfoque desse trabalho, mas em todos os aspectos de ser humano. Por isso, “a linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social” (BRASIL, 1998, p. 49).

Já a linguagem falada, é um importante meio de comunicação. Orgânico, instintivo, imitativo no seu início, e por meio dela aprendemos, adquirimos conhecimento, construímos e estabelecemos relações, sobrevivemos, nos expressamos, interagimos. Acredito que, articular a linguagem musical, em suas nuances, sons, movimentos, afetos e emoções, estimulando uma escuta atenta, com a aprendizagem de crianças em fase de alfabetização, é proporcionar uma aprendizagem lúdica, curiosa, motivadora, afetuosa.

Abre-se aqui também uma outra possibilidade de pesquisa envolvendo os desafios da alfabetização de surdos, que também aprendem a língua de sinais, assim como a questão da música para surdos, que também vêem interpretações em libras das letras de música e podem perceber os sons pelas vibrações. Um fio solto para o futuro...

5. A EDUCAÇÃO SONORA E SEUS DESAFIOS

“Saber ouvir quase que é responder”

(Pierre Marivaux)

Todo o percurso deste trabalho apontando a importância da música nos leva a fortalecer a importância da educação sonora. É importante compreendermos seu processo; o caminho traçado pela paisagem sonora ao longo do tempo e as mudanças que causaram ao comportamento humano.

A paisagem sonora é dinâmica, ela se modifica, e se transforma, e se torna possível melhorá-la, ou aperfeiçoá-la.

É importante entendermos o impacto que o som tem em nossas vidas, e a conscientização por meio de ações isoladas como fóruns, programas, palestras, encontros sobre o assunto talvez não gerem a repercussão e a conscientização necessária na população sobre o assunto. Talvez o meio mais efetivo, seja a educação: ensinar os sujeitos, a ouvirem com uma escuta cuidadosa, atenciosa, e crítica. Ensiná-los a prestarem atenção a paisagem sonora e assim discutir, reverberar o assunto e propor e executar as mudanças que se fizerem necessárias, com a participação da população já que estamos inseridos em uma sociedade democrática, e assim todos participam conscientemente da sua construção e efetivação.

Aprendemos por meio da escuta. Adquirimos a fala por intermédio da escuta, imitando os sons emitidos pela figura materna. E no decorrer da vida, a escuta se torna mais desenvolvida e necessária, pois o mundo nos diz algo, todos os dias.

Os sons que ouvimos pertencem a alguém e querem nos dizer algo. Assim, ganha a atenção quem “grita” mais alto, e no meio de tantos sons, deixamos de ouvir alguns sons significativos para a vida, como se fossem “sons em extinção”, como o som da natureza, e até os sons de conversas tão fundamentais como uma conversa ao redor da mesa entre a família e amigos, onde criamos mais intimidade, rimos e choramos juntos.

Justamente, por estarem em “extinção”, necessitam da nossa atenção e proteção.

Acredito que o mundo se tornou muito barulhento ao longo dos anos com o desenvolvimento da tecnologia. Os celulares estão em toda a parte. Nos trens, nas ruas, nos escritórios, no lar, restaurantes, nas salas de aula. São aviões, carros, sirenes, buzinas. A poluição sonora é um problema mundial.

Pode-se dizer que em todo o mundo a paisagem sonora atingiu o ápice da vulgaridade em nosso tempo, e muitos especialistas tem predito a surdez universal como a última consequência desse fenômeno... (SCHAFER, 2001, p.17)

A poluição sonora acontece quando o sujeito não ouve cuidadosamente, com uma escuta atenta. Somente com uma escuta atenta e cuidadosa, compreenderemos quais sons, queremos preservar e ouvir, e quais, devemos combater e modificar.

Algumas áreas do conhecimento podem nos ajudar nessas questões, são: a ciência, a sociologia (que estuda a sociedade, e a sociedade é um elemento importante) e as artes. Por meio da ciência, estudamos a questão do som, e de suas propriedades físicas e científicas, volume, intensidade, força, decibéis, hertz. Por meio da sociedade, estudamos e observamos o comportamento humano em relação aos sons, como esses o afetam, e sua relação com a paisagem sonora (na produção do som, na convivência com os sons e na escuta). Por meio da arte, e no caso, a música, foco desse trabalho, focamos no fato que o homem pode produzir sons que mexem com as emoções, afetos, imaginação. Uma paisagem sonora que traz reflexão, aprendizado, sentimentos, produzida com intencionalidade, mas de diversas maneiras e os mais variados meios.

Hoje, todos os sons fazem parte de um campo contínuo de possibilidades, que pertence ao domínio compreensivo da música. Eis a nova orquestra: o universo sonoro! E os músicos: qualquer um e qualquer coisa que soe!” (SCHAFER, 2001, p.20)

O que soa, canta e reverbera com intencionalidade, nos proporcionando uma experiência, independente de sua estética, é música, e faz acontecer essa paisagem sonora musical. E há uma curiosa ligação entre a Música e o bem-estar social. Herman Hesse, em *O jogo das contas de vidro* nos diz:

Por isso, a música de uma época harmoniosa é calma e jovial, e o governo equilibrado. Em uma época inquieta, a música é excitada e colérica, e seu governo é mau. A música de uma nação em decadência, é sentimental e triste e seu governo corre perigo.” (HESSE, 1969, p.30)

A música, traduz os dias os quais foi escrita ou produzida. Ela mostra o contexto de seu povo. Seu aspecto cultural é de grande importância. Ela nos traz uma mensagem. O que os cantores e artistas estão produzindo, está estreitamente relacionado aos valores, pensamentos e questões do momento presente.

E falando em atualidade, a sociedade atual se tornou muito mais visual do que de escuta. Isso é claramente percebido nas crianças em idade escolar. Elas tem muito mais interesse em ver do que ouvir. Devido aos avanços tecnológicos, culturais, políticos, científicos, hoje a infância é bem diferente de tempos atrás. Essas transformações trazem implicações em nossos estilos de vida, nossa relação com o trabalho, com a cidade, com as pessoas, as relações familiares e com a mídia.

Por meio da tecnologia, as crianças são estimuladas pelo olhar, pelo visual, e as possibilidades nesse quesito (por meio da internet, vídeos, jogos, aplicativos) são inúmeras e realmente atraentes. São expostas a produtos e bens, incentivadas desde cedo a questão do consumo, e com isso podem se tornar desatentas no ouvir, na escuta atenta, no exercício do pensar, selecionar o que se ouve, e imaginar.

Quando falamos em paisagem sonora, o papel das artes nesse contexto, e a importância da escuta, é de grande importância que as crianças aprendam a ouvir. A escuta atenta contribui para a fala, contribui na aprendizagem, contribui na compreensão do outro, na “captação” do mundo. Escutar, como vimos, é parte importante para a comunicação, para o desenvolvimento. E aí, surge a educação musical, como um meio de promover uma formação musical, nos apresentando essa linguagem não focada apenas na leitura da partitura e no sistema de notação musical, mas na experiência como fenômeno sonoro, social, histórico, cultural, no desenvolvimento de competências e habilidades tais como a motricidade, a curiosidade, articulação das palavras por meio do canto, conhecimento cultural, raciocínio, inteligência, e a habilidade da escuta.

Cynthia Campelo Schneider nos disse em entrevista que a escuta é o ponto de partida da aprendizagem musical e da vida. Ela constata que não estamos sabendo ouvir. Precisamos ter resposta para tudo, somos a sociedade dos super informados, sem nos darmos o privilégio de escutarmos e aprendermos. Ela afirma, que o mais importante na música, é o silêncio. Sem o silêncio não conseguimos ouvir e nem sermos ouvidos. Daí a importância dessa educação sonora, da limpeza dos ouvidos, do ouvido pensante como nos ensina Schafer (1991, 2001) . Ensinar, por meio da educação musical, uma escuta consciente e presente.

Ainda sobre educação musical, podemos afirmar que esta sofreu um reducionismo por parte da educação formal, em muitas instituições escolares, se limitando a eventos e comemorações. Uma das entrevistadas, Profa. Dr^a Jéssica Makino, afirmou que a educação musical é de certa forma reduzida por que ainda se vê a música como um algo sem utilidade. Algo, para ter importância, precisa ter um caráter utilitarista, se não for importante para o

mercado de trabalho, então é algo irrelevante, e o mais supérfluo em todas as disciplinas, são as disciplinas de Arte, vistas como artigo de perfumaria. É a visão mercantilista da educação.

Mas, Jéssica ainda afirma que no século XXI, a música tem um caráter humanista, e o objetivo da educação musical é o ser humano em sua completude, não só racionalidade, mas corpo, alma, emoção. A música atravessa todas as disciplinas do currículo escolar, e todas as facetas do ser humano, e sim, ela é de fundamental importância na aprendizagem.

Sobre a escuta, Profa. Dr^a Jéssica nos trouxe uma informação interessante. Ela estudou por 10 anos piano em Conservatório, onde chegou a nível técnico de formação instrumental. Aprendeu leitura, técnica e execução de repertório erudito e clássico, mas enfatizou que no Conservatório não se ensina algo de muita relevância, ouvir. Ouvir é uma experiência muito pessoal e ouvir música com uma escuta ativa e atenta nos ajuda descobrir quem somos, e como somos únicos, pois a experiência da escuta, é individual, isso faz dela, algo de relevante importância.

A arte, em todas as suas linguagens, é promotora de experiências, tem um caráter libertário, que nos liberta do olhar preso, e nos faz ver além. Em Heidegger (1987) encontramos uma definição de experiência:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (p. 143)

A arte e a pedagogia, e no caso a música, ambas com visões libertárias, promotoras de experiências que transformam, aliadas contribuem significativamente com a aprendizagem das crianças.

Desenvolver uma escuta ativa na infância, é contribuir com a formação de um cidadão atento, consciente. É promover, por meio da música, sinapses que ativam o cérebro e colaboram com a assimilação e compreensão em sua aprendizagem em todos os aspectos. É contribuir com uma melhor aprendizagem dessa criança por toda a sua vida, inclusive na questão alfabetização. Um sujeito que ouve, é um sujeito com possibilidades de ser muito mais assertivo em suas relações pessoais, profissionais, e consigo mesmo. Saber ouvir a si mesmo, apreciar o silêncio, silenciar os barulhos desnecessários e ensurdecedores. É fazer com que compreenda a

importância de simplesmente parar, prestar atenção, silenciar. É contribuir com o desenvolvimento da concentração, da empatia, do acolhimento ao que o outro está dizendo, e ao que o mundo está dizendo por meio da paisagem sonora que produz. É criar sujeitos conscientes a respeito do barulho, dos ruídos, e o quanto estes influenciam na qualidade de vida, no comportamento humano. É ser seletivo, pois existem sons que merecem a nossa atenção e outros nem tanto. Se não quisermos olhar algo, é só fecharmos os olhos, mas os ouvidos não, esses estão sempre abertos, captando todos os sons, desejáveis ou não.

As habilidades acessadas pela música na aprendizagem são incríveis. Criatividade, improvisação, absorção da mensagem, imaginação, memorização, por meio de uma combinação de sons, que formam uma melodia.

É permitir com que experiências lhe aconteçam, como o som do mar, dos pássaros, do vento, ou uma canção da infância que remete a tantas lembranças. É importante ouvirmos, e ensinarmos os pequenos a ouvirem, e promovermos diálogo, empatia, solidariedade e a consciência da preservação de sons e o combate a outros.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do papel da música na educação, não é apenas no foco da experiência lúdica, mas é um direcionamento de sua potência afetiva para se tornar uma grande ferramenta facilitadora do processo de aprendizagem, tornando a escola, a aula, as atividades mais alegres e receptivas, e também ampliando o conhecimento musical do aluno, já que a música é um bem cultural e todos devem ter acesso.

Vigotsky (1998, p. 76), afirma: “A separação dos aspectos intelectuais dos afetivos é um dos defeitos da psicologia tradicional. Diz que o pensamento tem sua origem na motivação”. Mas percebe-se que a música é pouco usada para esta finalidade, sendo abordada mais como elemento recreativo, festivos (como danças nas festas de datas comemorativas), e relaxantes, do que com finalidade realmente pedagógica. Nesse sentido, é fundamental que se destaque a importância da música como fonte de estímulos, equilíbrio, bem-estar, relaxamento, aprendizagem e felicidade para a criança.

A relevância de se aliar a música, como estratégia alfabetizadora é que justamente a música é, cada vez mais, considerada uma ferramenta de ação pedagógica e, usada para alfabetizar, resgatar a cultura e ajudar na construção do conhecimento de crianças. Além disso, a música ensina a importância de ouvir. Schafer (1991, p. 35) diz que “música é som com intenção de ser ouvido”. Para que a música seja apreciada, é necessário ouvir, com uma escuta atenta. Sem escuta não é possível fazer música. É certo que a habilidade de ouvir, também é necessária para a aprendizagem inclusive no eixo Alfabetização, mas para a formação de sujeitos que dialogam, e percebem os sons a sua volta. É certo que todos estão dizendo algo. A mídia, as empresas, a vida cotidiana em meio aos ruídos das cidades, construções, buzinas e seu agito. Mas nem todos merecem a nossa atenção, são apenas sons distratores que nos desfoam do que realmente é primordial. A conscientização a respeito disso é importante.

Hoje, os educadores precisam ser mais do que bons professores, precisam ser facilitadores do aprendizado, trabalhando com novas técnicas e de maneira ampla, para enxergar o aluno como um ser constituído de inteligência e emoção, a música é uma dessas estratégias criativas e estimuladoras para se trabalhar e obter a atenção e o interesse das crianças em sua própria aprendizagem, estimulando a escuta atenta, a percepção dos sons, considerando os aspectos emocionais das crianças.

A música se faz presente em todas as manifestações humanas nas diferentes culturas que existem, assim como a linguagem falada. Ambas são expressões humanas e são de grande

importância para o ser humano, por fazerem parte da atuação do ser humano nas mais diferenciadas vivências. Tratando-se de crianças, a linguagem musical representa uma forte ligação com elas, por se tratar de uma linguagem universal, pois a música circula velozmente pelos quatro cantos do mundo. E nessa fase, em relação a linguagem falada, é nesse momento que as crianças desenvolvem, compreendem e passam a fazer uso dela. Lêem o mundo, e expressam o mundo por meio dela. Em ambas as linguagens (falada e musical) somos capazes de expressar o que percebemos, queremos, sentimos.

Com base nisso, é notável que o fazer musical nas redes de ensino tem sido representado como um agente enriquecedor de transformações no mundo infantil. A música é essa disciplina transversal, que atravessa todos os eixos e disciplinas, que promove experiências e expressividade.

Ao tratar-se de ensino e transformação, a música, é um excelente recurso, sendo também meio de aprendizagem, para as crianças de diversas faixas etárias, quando trabalhada de forma lúdica e estando relacionada as várias situações do dia-a-dia e as demais disciplinas contidas no currículo escolar. A música estimula o ouvir, a atenção, a ludicidade, o movimento, as emoções, a afetividade, e o se expressar, único e individual.

REFERÊNCIAS

ALFANDÉRY, Hélène Gratiot. Henry Wallon / tradução de Patrícia Junqueira. Recife: Massangana, 2010.

BARRETO, Sidirley de Jesus; CHIARELLI, Ligia. Karina M. A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental – A música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. Blumenau: Acadêmica, 2004.

BATRES, Ethel Marina Moreno. Notas sobre educación musical. Guatemala: AVANTI, 2010.

BONDÍA, Jorge Larossa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Lingüística, 2002, nº 19.

CASTANHO, Maria Eugênia de Lima e Montes. Arte-Educação e intelectualidade da arte: contribuição ao ensino da Educação artística no Brasil após a Lei 5.692/71/. Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, curso de Mestre em educação. Campinas, 1982.

FERREIRA, Martins. Como usar a música em sala de aula. Editora Contexto. São Paulo, 2012.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GARCEZ, Rodrigo. Alfabetização e Música: Um encontro na linguagem. Universidade Federal da Fronteira Sul Campus de Chapecó, Programa de Pós-Graduação em Educação Curso de Mestrado em Educação. Chapecó, 2015.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Arte só na aula de Arte?. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 311-316, set./dez. 2011.

PENNA, Maura. Música (s) e seu ensino. Porto Alegre: Sulina, 2008.

SANTOS, Regina Márcia Simão. Música, cultura, educação: os múltiplos espaços de educação musical. Porto Alegre: Sulina, 2012 – 2ª edição.

SCHAFER, R. Murray. A afinação do Mundo / tradução de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo: UNESP (FEU), 2001.

SCHAFER, R. Murray. Educação Sonora: 100 exercícios de escuta e criação de sons / tradução de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo, Editora Melhoramentos, 2009.

SESC SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. Sonoros Ofícios: cantos de trabalho: circuito 2015/2016. Rio de Janeiro: Sesc Departamento Nacional, 2015.

SINCLAIR, Hermine. A produção de notações na criança: linguagem, número, ritmos e melodias/ tradução de Maria Lucia F. Moro. São Paulo : Cortez : Autores Associados, 1990
SNYDERS, Georges. A escola pode ensinar as alegrias da música? 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1994.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. **Apresentação de trabalhos acadêmicos**: guia para alunos da Universidade Presbiteriana Mackenzie. 3. ed. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2004.

VYGOTSKY, L. S. O desenvolvimento psicológico na infância. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

.

ANEXO A – Roteiro da Entrevista

- 1) Como você entende essa articulação da música e da aprendizagem, principalmente da aprendizagem relacionada a Alfabetização, de crianças entre 5 e 7 anos? A música pode contribuir com a aprendizagem?
- 2) Quais são os benefícios da música para o ser humano? E quais os benefícios da aprendizagem Musical (notação, leitura, escrita, notas, escalas, acordes, composição)?
- 3) Na faixa etária de 5 a 7 anos, quais experiências de aprendizagem Musical são interessantes proporcionarmos aos pequenos?
- 4) Por meio de sua experiência, quais são os benefícios de desenvolver uma escuta atenta e ativa, o “ouvido pensante” que Schafer nos apresenta, em crianças de 5 a 7 anos, em fase de alfabetização?
- 5) De que forma a Música pode colaborar no desenvolvimento desse “ouvido pensante” (percepção dos sons)?
- 6) Porque a escola de certa forma “reduziu” a música a eventos e datas comemorativas, e não aprofunda e proporciona experiências significativas, relevantes, e afetivas com essa arte?
- 7) O que é a Música para você?